



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

CAMPUS DO SERTÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

IRATAN VIEIRA NUNES

**MULHERES SERTANEJAS: OS CABARÉS E BECOS EM DELMIRO
GOUVEIA – AL, NO FINAL DO SÉCULO XX**

Delmiro Gouveia

2018

IRATAN VIEIRA NUNES

**MULHERES SERTANEJAS: OS CABARÉS E BECOS EM DELMIRO
GOUVEIA – AL, NO FINAL DO SÉCULO XX**

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em História pela
Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Me Ana Rísia Camêlo.

Delmiro Gouveia

2018

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

N972m Nunes, Iratan Vieira

Mulheres sertanejas : os cabarés e becos em Delmiro Gouveia –
Al, no final do século XX / Iratan Vieira Nunes. – 2018.
59 f. : il. color.

Orientação: Profa. Ma. Ana Rísia Camêlo.

Monografia - Artigo científico – (Licenciatura em História) –
Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro
Gouveia, 2018.

1. História de Alagoas. 2. Mulheres. 3. Prostituição. 4. Delmiro
Gouveia. I. Título.

CDU: 981.35:396



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – ALAGOAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **Mulheres Sertanejas: Os Cabarés e Becos em Delmiro Gouveia - AL no final do século XX**, elaborado por **Iratã Vieira Nunes** foi aprovado por todos os membros da Banca Examinadora com nota 8,0 cumprindo as exigências para obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA:



Professora Me. Ana Rísia Soares Camêlo (Orientadora)
UFAL- Campus do Sertão



Professor Dr. Marcos Ricardo de Lima (1º Examinador)
UFAL – Campus do Sertão



Professora Dra. Ana Cristina Conceição Santos (2º Examinador)
UFAL – Campus do Sertão

MULHERES SERTANEJAS: OS CABARÉS E BECOS EM DELMIRO GOUVEIA – AL, NO FINAL DO SÉCULO XX

Iratã Vieira Nunes¹
Ana Rísia Camêlo²

RESUMO

A presente pesquisa lastreia acerca da história da prostituição ocorrida nos becos e cabarés em Delmiro Gouveia – AL, nos anos 70 ao final dos anos 90 aproximadamente. Objetivando fazer uma reflexão sobre a trajetória dessas mulheres sertanejas (Mocó, Pecília, Tonha e “Maria”) ao que se refere ao vínculo entre o corpo, prazer, sexualidade e lucro. O estudo terá como base metodológica um levantamento bibliográfico aliado à uma pesquisa de campo, na qual envolverão estudiosos como: Mary Del Priore (2007), José Carlos Sebe B. Meihy (2015), dentre outros, e a partir de entrevistas exploratórias realizadas com as próprias personagens acima citadas e familiares das mesmas, a fim de contribuir com o debate sobre a história da prostituição no Brasil, visto a grande inferioridade abarcada às mulheres brasileiras, e, em particular, as Mulheres Sertanejas. A pesquisa contou com uma abordagem qualitativa, desdobrando-se em procedimentos como o estudo bibliográfico e a pesquisa de campo, a partir de entrevistas para a obtenção da coleta de dados.

Palavras-chaves: Mulher; Sertão; Cabaré; Beco; Delmiro Gouveia- AL.

ABSTRACT

This research investigates the history of prostitution in the alleys and cabarets in Delmiro Gouveia - AL, in the late 1970s to the 1990s. Aiming to reflect on the trajectory of these sertanejas women (Mocó, Pecília, Tonha and "Maria") to which refers to the link between body, pleasure, sexuality and profit. The study will have as a methodological basis a bibliographical survey allied to a field research, which will involve scholars such as: Mary Del Priore (2007), José Carlos Sebe B. Meihy(2015), among others, and from exploratory interviews conducted with the characters themselves mentioned above and their families, in order to contribute to the debate on the history of prostitution in Brazil, given the great inferiority of Brazilian women, and in particular the Sertanejas Women. The research had a qualitative approach, unfolding in procedures such as bibliographic study and field research, from interviews to obtain data collection.

Keywords: Woman, Sertão, Cabaré, Alley, Delmiro Gouveia- AL.

¹Graduando em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão. E-mail iratannunes@hotmail.com.

²Professora do curso de Geografia, Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do sertão. E-mail anarisia.camelo@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Mulheres Sertanejas: Cabarés e Becos de Delmiro Gouveia-AL no final do século XX” buscou analisar a trajetória da “mulher do sertão” e sua contextualização à prostituição especificamente nas décadas de 70 a 90.

A inquietação neste trabalho está no tocante de descobrir um novo olhar para o feminino, que apesar de serem vistas como “sexo frágil” desde a antiguidade, vêm mostrando a cada década sua garra, autonomia e conquista de espaço na sociedade. Sociedade esta herdeira de tabus e preconceitos oriundos de gerações e gerações.

A esta categoria de mulheres, interessou-nos estudar as mulheres dos cabarés (Pecília, Tonha e “Maria”) e becos (Mocó) da cidade de Delmiro Gouveia - AL no final do século XX, as quais se recusaram a seguirem os padrões determinados pela sociedade “Mulher de família”, para conquistarem seu próprio aparato social, no qual não dependeriam diretamente da figura masculina para a sua sobrevivência perante a sociedade.

De acordo com Novaes (2009, p.1) “a formação do campo historiográfico sobre a História das Mulheres percorre uma trajetória que foi se constituindo principalmente a partir da década de 60 e de forma mais contundente e significativa no meio acadêmico nos anos 80”.

Num primeiro momento, esta história está intrinsecamente associada à necessidade de focalizar a mulher enquanto heroína; posteriormente, de forma complementar e para muitos contraditoriamente, a história das mulheres traduz-se numa perspectiva de gênero que contempla não só os aspectos políticos como também as mulheres enquanto categoria analítica na pesquisa histórica. (NOVAES, 2009, p.1)

Assim, esse estudo busca fazer um apanhado histórico sobre as mulheres sertanejas, no sentido de refletir sobre este contexto. Trata-se de uma análise das formas como as mulheres do sertão são descritas na prostituição ao longo desse século.

Todavia, nessa semântica construtiva constatou-se que a historiografia tradicional na prostituição está intimamente associada à pobreza, inclinação natural, perda de status, um passado familiar perturbado, violento ou incestuoso. Sendo

assim, o trabalho de Jacques Rossiaud (1988, *apud* RICHARDS, 1993, p. 121) diz: “sobre a prostituição na Borgonha nos dá algumas estatísticas precisas. Um quarto delas haviam sido colocadas na prostituição pelas famílias ou havia entrado nela para fugir a uma situação familiar intolerável. Apenas 15% das prostitutas haviam abraçado a profissão por livre e espontânea vontade”.

Neste contexto, este trabalho terá embasamento bibliográfico e pesquisa de campo, no qual envolverá estudiosos relevantes para essa temática, tais como: Mary Del Priore, Maurício Oliveira, José Carlos Sebe B. Meihy, dentre outros, e a partir de entrevistas exploratórias realizadas com as próprias personagens acima citadas e familiares das mesmas, a fim de contribuir com o debate sobre a história da prostituição no Brasil, visto a grande inferioridade abarcada às mulheres brasileiras, e, em particular, as Mulheres Sertanejas.

Enfim, Paulo Roberto Ceccarelli, psicólogo e psicanalista sintetiza a prostituição eficazmente; no qual o mesmo afirma este exercício como sendo a profissão mais antiga do mundo “[...] nesta profissão, tida como “a mais antiga do mundo”, na grande maioria das vezes troca-se sexo por dinheiro [...] (Ceccarelli, 2008, p.1). Contudo pode-se então concluir que, mesmo passando por mudanças contextuais e culturais, esta ainda persiste nas grandes e pequenas cidades brasileiras.

Contudo, esse artigo está estruturado em cinco momentos, primeiramente enfatizaremos e discutiremos sobre a escolha da temática “Mulheres Sertanejas: Os Cabarés e Becos em Delmiro Gouveia - AL no final do século XX”, trazendo alguns autores para discussão e, em seguida, será feita uma breve contextualização sobre a história da mulher brasileira e, em sequência, uma análise sobre a história da mulher sertaneja; também será abordado sobre a prostituição como fonte de renda, status e prazer; dando sequência ainda, sobre o tráfico de mulheres para a prostituição e, por fim, focará na prostituição em Delmiro Gouveia - AL nos anos 70 e fins dos anos 90, frisando sistematicamente, os cabarés e becos ali existentes naquela época.

1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DA MULHER BRASILEIRA

Debater sobre a história das mulheres brasileiras se apresenta como sendo algo complexo, uma vez que nos achados bibliográficos a figura feminina se aparece como invisível durante um grande período.

Após séculos de história ocidental, estritamente uma narrativa sobre o “grande homem”, os historiadores gradualmente voltaram atenção para o problema da representação da mulher. O que significa escrever uma história das mulheres? Como seria ela? Primeiro de tudo, a história se tornou o local onde o feminismo pôde alterar a exclusiva universalidade do homem como sujeito. Fez emergir, assim, um conhecimento sobre as mulheres que questiona o papel central que os homens tradicionalmente têm ocupado nas narrativas históricas (SILVA, 2008, p. 223)

Assim, a figura feminina era sinônimo de fragilidade, meiguice e considerada inferior, em todos os sentidos. Um deles é a questão da inteligência, está sendo vista por várias doutrinas como o positivismo, por exemplo. Porém, Silva (2008, p.226) postula que o positivismo fazia essa afirmativa, mas, indiretamente, “[...] o positivismo não afirmava a inferioridade intelectual das mulheres, mas, sim que sua inteligência era complementar à do homem”. Com isso, é possível perceber como a mulher era tratada pelas doutrinas que as modelavam, estas sempre sendo como um ser pela metade, que estava sempre inferior à figura masculina. Assim, mesmo as mulheres não sendo consideradas com inteligência inferior ao homem de maneira direta pelos positivistas, elas estavam sujeitas também ao espaço privado, já que os espaços públicos eram exclusivos para os homens, considerados no século XIX os verdadeiros “cabeças” da política e de seus lares.

Homens e mulheres, por exemplo, não tinham a mesma vocação e essa diferença é que fazia a felicidade de cada um. O homem nascera para mandar, conquistar, realizar. O despotismo, antes privilégio de monarcas, passa a ser marido, dentro de casa. A mulher, por sua vez, nascera para agradar, ser mãe e desenvolver certo pudor natural (PRIORE, 2014, P.122).

Entretanto, é notório também salientarmos que, mesmo após a Proclamação da República, as mulheres eram policiadas, sobretudo, aquelas que precisavam estar nas ruas comercializando ou mesmo prestando serviços em casas de família.

Pois, justamente estas, eram as mais observadas pelo fato de estarem mais expostas, cabendo à função de vigilantes, ambos os sexos (tanto homens como mulheres), pois “[...] Não eram somente os homens que promoviam a vigilância da moral feminina: as próprias mulheres o faziam, denunciando-se umas às outras.” (Falci, 2009, p.34).

Todavia, um dos motivos maiores desta vigilância era a prostituição, neste caso, as mulheres eram constantemente advertidas para não fugirem de suas funções de mãe, filha ou esposa, era a conduta que deveriam seguir. Pois, a imagem das prostitutas passa a ser estigmatizadas, sempre aludidas como um mal, ou seja, como o inverso da mulher honesta, honrada, “de família”.

A figura da prostituta se localizava na encruzilhada entre o estereótipo aterrorizante da “mulher decaída” e a realidade vivida por um sem-número de amásias, mães solteiras e crianças ilegítimas; em outras palavras, entre a coordenação pela moral burguesa e a tolerância tácita para com um modo de vida que se desviava radicalmente da norma oficial. (PRIORE, 2014, p. 534).

É evidente enfatizarmos também, que a figura da prostituta servia basicamente para pôr em ordem a maneira como as mulheres deveriam se comportar para receberem respeito da sociedade. No entanto, constatou-se que as prostitutas têm conhecimento de tal preconceito, e com isso, alguma delas se inferiorizam, acreditando estar erradas com relação às mulheres enquadradas como “mulheres normais” ou “mulheres de família”; e, principalmente, as prostitutas pobres.

Em contrapartida, também não se pode afirmar que a prostituição estar intimamente associada somente à miséria ou necessidade financeira, uma vez que são diversos os motivos que levam mulheres a realizarem as práticas de prostituição. Com isso, as autoras Diniz e Queiroz (2008) explicitam sobre essa marginalização da prostituição feminina:

[...] a análise da prostituição inserida nas dimensões dos símbolos culturais, materializados nas representações socialmente construídas, de que as prostitutas optam pela “vida fácil”, são pecadoras, profanas, transgressoras da ordem moral, ou seja, por não terem um “comportamento apropriado” e romperem com esses símbolos, se veem estigmatizadas, carregando o peso social da culpa por sua conduta sexual inadequada ao modelo dominante pautado no sistema machista-patriarcal, em que os julgamentos

morais são cotidianamente utilizados para reforçar a discriminação das prostitutas. (p.7)

Dessa forma, evidencia-se também, que não se deve ver a prostituta sempre como vítima, pois se sabe que a prostituição possibilita uma troca, em que o sexo é a mercadoria. Com isso, pode-se afirmar que nem sempre a prostituta é vítima de tal fato, uma vez que esta está relacionada a um acordo entre ela e o “cliente”, exceto quando há casos de mulheres que são obrigadas por cafetões ou cafetinas para praticarem o ato sexual.

Nesse sentido, é relevante postularmos que ao tratar sobre a prostituição feminina no Brasil, é notório que durante toda a história do Brasil, a prostituta sempre ocupou o pior espaço e já era marginalizada, estigmatizada, classificada nos piores níveis possíveis, uma vez que se tratava da moralidade social. Neste contexto, compreende-se que não é contemporâneo os estereótipos dados às mulheres que usam seus corpos como instrumentos para satisfazer na maioria das vezes aos homens, em troca de dinheiro ou outrem; desse modo, a prostituta era vista e continua sendo, como o inverso do bem à sociedade.

Compreender nossa sociedade e nossa civilização através de seus sistemas de exclusão, de rejeição, de recusa, através daquilo que elas não querem, seus limites, a obrigação em que se encontram de suprimir certo número de coisas, de pessoas, de processos, o que elas devem deixar soçobrar no esquecimento, seu sistema de repressão. (COUTO, 2013, p. 01).

Evidentemente, nesta temática construtiva, corpo, sexualidade e prostituição feminina são alguns dos assuntos mais importantes quando se trata da história das mulheres e pretendemos ampliar as discussões e debates sobre a mulher, principalmente quando se trata de temas ligados ao corpo e a sexualidade, os quais ainda são silenciados, contribuindo assim com o debate sobre a história da prostituição do Brasil.

O desenvolvimento da história das mulheres, articulado às inovações no próprio terreno da historiografia, tem dado lugar à pesquisa de inúmeros temas. Não mais apenas focalizam-se as mulheres no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também se introduzem novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a

sexualidade e o corpo, entre outros (CARDOSO e VAINFAS, 1997, p.280)

Assim, a prostituição feminina é um exercício que sempre existiu e, por sua vez, traz consigo resquícios de séculos passados, mas, mesmo sendo uma prática que data de longo tempo, no decorrer do período sofreu algumas modificações. Diante disso COUTO (2013) nos diz que:

Ora, num momento onde a cidade buscava conhecer a prostituição, o corpo feminino da mulher prostituta foi base para construções misóginas de sua identidade. A prostituta passa a ser o seu sexo e este se torna o fundador de sua identidade. Identidade que é seu sexo, seu órgão sexual, inferiorizando a condição feminina e minando suas singularidades. (p. 09).

Contudo, mesmo com o decorrer do tempo, pensar essas mulheres desde a Idade Média, período colonial no Brasil e buscar identificar as mudanças que aconteceram referentes ao modo em que eram vistas, constatamos que poucas coisas mudaram em relação a essas mulheres, visto como, estas continuaram sendo tratadas como meros objetos de lucratividade, marginalidade, preconceito, entre outros. E, com toda essa problemática, a lástima maior, é sabermos que mesmo assim, a prostituição só aumentou.

1.1 ANÁLISE SOBRE A HISTÓRIA DA MULHER SERTANEJA

Ao discutirmos sobre a História da Mulher Sertaneja, é pertinente constatarmos que no Nordeste foi formada uma sociedade de perspectiva patriarcal, onde o homem era o senhor e dono da sua mulher e com isso o protagonismo feminino dificilmente se sobressaia.

Porém, pode-se perceber que algumas mulheres emergiram, numa constante luta cotidiana de vencer a subordinação masculina e construir uma nova ordem que não seja ditada pelo desejo do homem e transformando à tradição ilógica de resguardar as mulheres apenas ao interior das suas casas.

Dessa forma, Priore (2010, p.142) afirma que “a história das mulheres é relacional, à medida que inclui tudo que envolve o ser humano, suas aspirações, realizações, construções e derrotas”. A abordagem da historiografia social levanta

uma análise que perpassa em toda uma história dos movimentos sociais, bem como a caracterização isolada das diversidades das atividades humanas.

Nessa semântica, a discussão sobre a historiografia da mulher trata de desvendar as complicadas relações entre a mulher e o contexto em que vive. As transformações da cultura e as mudanças nas ideias nascem das dificuldades que são simultâneas aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher.

A historiografia costuma apontar, nos lugares do sertão, o êxodo rural dos homens: demandando a fronteira de povoamento, sempre mais para o “sertão”, ou voltado ao litoral para estudarem grandes centros após a reviravolta que a vinda da Corte portuguesa fez no ensino, ao propiciar curso superior no Brasil. Seria então a população feminina numericamente superior à masculina por essas razões? (PRIORE, 2010, p. 243).

Todavia, estudos referentes à mulher sertaneja e a sua atuação é positivo e contribui no entendimento de que a historiografia da mulher tem tido avanços quando o assunto é espaço por protagonismo. O Brasil, em especial, o sertão nordestino traz marcas patriarcais bastante rígidas, com uma forte presença masculina.

Neste sentido, evidencia-se que apesar da crescente população feminina e de sua inserção no mercado de trabalho das mais variadas formas, “a história restringiu estas mulheres a um papel secundário, não as percebendo como agentes sociais que, através de suas práticas cotidianas, contribuíram para a estruturação da sociedade sertaneja, rigidamente estratificada” (PRIORE, 2010, p.141).

Assim, a grande inferioridade abarcada às mulheres brasileiras, e intimamente, as mulheres sertanejas, cada vez mais, se constituem em força política e produtiva atuante, mas como residem em um País marcado pela desigualdade na distribuição de renda, formam um dos grupos demográficos mais atingidos pelo revés proporcionado por este conteúdo. Novais contempla:

Esta rígida estratificação social, resultante do próprio processo de colonização, não foi um fator inibidor para a participação das mulheres menos abastadas. Muitas delas se destacaram não somente no trato com as questões domésticas, insubordinando-se, à medida que se inseriam em atividades denominadas masculinas. O ideal da mulher enclausurada, responsável pela casa e pelo bem-estar da família, subjugada pelo marido não foi predominância no

sertão, por vezes agiam, reagiam e tinham condutas próprias (NOVAIS, 2011, p 92).

Nesta perspectiva, postula Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977, p. 47), “a mulher sertaneja tinha inúmeras virtudes, como a coragem, o espírito de aventura, a capacidade de tornar-se chefe de família, que as qualificavam como guerreiras incansáveis na lida diária”. Entretanto, nessa ênfase explica-se a masculinização da mulher do nordeste, pois elas são obrigadas a enfrentarem a seca e a ausência dos maridos que geralmente migram em busca de trabalho/ melhoria, separação matrimonial ou viuvez, e, cabendo-lhes assumirem o universo masculino.

Entretanto, na maioria das vezes, por falta de oportunidades no mercado de trabalho formal, essas mulheres discorrem à prostituição, como única opção à elas apresentadas. Assim, enfrentando mais um preconceito na sociedade em que vive deste modo:

“[...] pode parecer fácil se prostituir, pois não é preciso ter pré-requisitos. Basta oferecer seu próprio corpo, você mesmo. Entretanto, até que ponto é fácil se doar por completo, dividir sua maior intimidade, se submeter às maiores violências contra si mesmo? Assim, a primeira questão a ser levantada nesta discussão é que a prostituição, ainda que vista como opção, não é a mais fácil”. (FERRO, 1999, p. 204)

Parafrazeando assim, imagina-se o quão era difícil para aquelas mulheres se deitar-se sem nenhum afeto com homens muitas vezes desconhecidos, no qual elas serviam-se como meros objetos de prazer. Não escolhiam seus clientes, porém, eram escolhidas e vendidas por alguns minutos ou horas. Sendo assim, é possível compreender nitidamente que:

As imagens encontradas estão recorrentemente associadas à dominação e à opressão sobre a mulher, sendo vítima constante da dor, o sofrimento, da solidão, da humilhação e da exploração física, emocional e sexual; ainda assim, foi possível encontrar a natureza de discretos poderes que reagiam e resistiam a essas situações pintadas nas imagens, poderes assegurados à mulher através de sua emancipação à dominação masculina. (PRIORE, 2007, p.142)

Nota-se então, que algumas mulheres emergiram, numa constante luta cotidiana de vencer a subordinação masculina e construir uma nova ordem, àquela que não seja

ditada pelo desejo do homem e transformando a tradição ilógica de resguardar as mulheres apenas ao interior das casas, e, irem em busca, mesmo de maneira não tão aceitável pela sociedade, rumo a sua própria sobrevivência.

2. PROSTITUIÇÃO COMO FONTE DE RENDA, STATUS E PRAZER

Apresentando-se como “a profissão mais antiga do mundo”, a prostituição encontra na literatura brasileira o espelho que busca refletir a exclusão social de uma instituição estigmatizada devido a padrões discriminatórios da sociedade. Assim, Foucault lastreia sobre essa questão:

Compreender nossa sociedade e nossa civilização através de seus sistemas de exclusão, de rejeição, de recusa, através daquilo que elas não querem, seus limites, a obrigação em que se encontram de suprimir certo número de coisas, de pessoas, de processos, o que elas devem deixar soçobrar no esquecimento, seu sistema de repressão- supressão (FOUCAULT, 1971:14-15 apud COUTO, 2013, P.01).

É pertinente notarmos também que, a história nos mostra categoricamente, que a prostituição já foi uma prática respeitada e relacionada a poderes sagrados, porém, com o surgimento da sociedade patriarcal a independência econômica e sexual das mulheres, sofreu restrições e, conseqüentemente, as prostitutas começaram a ser discriminadas. Andrade (2003, p.01) postula:

A prostituição foi encarada de várias formas ao longo da história. De acordo com Armando Pereira, em seu livro Prostituição: Uma visão Global, a venda dos serviços sexuais passou por um período sacro, com aspecto místico e tutelar. Num segundo momento, denominado pelo autor de epicuriano, a prostituta assume um papel estético e político. Nessa época, seu trabalho é gerenciado pelo Estado, que cobrava impostos, enriquecendo a elite dominante. No terceiro período, chamado cristão, a prostituta é considerada “leprosa”, em nome da moral e dos bons costumes. Depois dessa época, vem um período de tolerância, quando essas profissionais do sexo são consideradas um mal necessário e submetidas ao controle sanitário mediante força policial. Por fim, surge o período chamado de abolicionista, quando a prostituta é vista como escrava e vítima. Os regulamentos são revogados e a mulher é livre para exercer a atividade.

Convém citarmos que ainda, que a prostituição ter conotações distintas com o passar do tempo, todavia, Rossiaud (1991, p.13) afirma que “a sociedade é que cria

a prostituição à sua imagem, ou que os grupos sociais é que geram formas de prostituição adaptadas às suas necessidades”.

Nessa semântica, entende-se que a prostituição feminina pode derivar de fatores de ordem social e econômica, resultando da compra e da venda do desempenho sexual da mulher, tornando-se um objeto de venda. Assim, é pertinente observarmos que a prostituição apresenta-se em determinados casos, como uma forma de “renda” associada à sobrevivência de mulheres que não enxergam outra opção para ingressarem num trabalho formal; àquele dito e exposto pela sociedade como digno e bem visto no meio social.

Nessa direção, é notório abordarmos ainda, que as prostitutas convivem com o outro na sociedade, construindo sua história de dor e sofrimento, enfrentando preconceitos integrados a uma antiga profissão inserida numa cultura em que poucos respeitam a diversidade e a liberdade. Então:

A prostituição, localizada no âmbito da cultura, se associa a aspectos outros, vivificados no trânsito com o social, que serve de esteio para o plano da história, o que destaca continuamente uma profissão em sintonia com a história dos povos (NÓBREGA, 2007, p. 182).

Sem dúvida, o que se percebe é que no submundo da prostituição está intimamente interligados a jogos sexuais estabelecidos por meretrizes, que nessa constante luta pela sobrevivência, encara essa profissão por inexistência de espaço no mercado de trabalho, tornando-se elas próprias, as mercadorias de compra e venda, propriamente ditas.

Na prostituição, a mulher se torna destituída de si mesma, procura ancorar-se em um porto suspeito, turbulento, enganador e oscilante. O ancoradouro da mulher de costumes ‘fáceis’ torna-se um submundo imundo, um cenário de aventuras da existência e de feridas dissimuladas. Prostituir-se é como sequestrar-se a si mesma (FERRO, 1999, p. 18-19).

Sob essa ótica, é notável que as profissionais do sexo, meramente, funcionam como prática consciente da negociação do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira ou material, com possibilidades de infinitos parceiros e diversas experiências no ramo da prostituição.

Nessa perspectiva, citamos ainda a existência das profissionais do sexo que as praticam com a finalidade de obtenção de “status e prazer” perante a sociedade.

Àquelas prostitutas que se arriscam meramente, a fim de conquistar e/ ou manter um patamar social elevado com luxo e ostentação no meio em que vivem. Podemos exemplificar, por exemplo, uma jovem dentista por nome fictício “Bruna” pertencente a classe média, oriunda da região Sul, aonde possui identidade dupla de trabalho. Pelo período diurno exerce a função de dentista e, por sua vez, no período noturno é uma profissional do sexo. Pois a mesma afirma:

Que antes de exercer essa profissão (Prostituição) eu não era bem remunerada; hoje posso comprar e usar o que quero; Frequentar os melhores lugares e consumir o melhor; Pois, quando você é ‘garota de programa’, quanto mais você ganha, mas você quer! E, ser ‘garota de programa de luxo’ ganho em torno de R\$20.000,00 mensal, enquanto, ser somente dentista, ganho apenas um terço desse valor. (DOCUMENTÁRIO REPORTER RECORD – 13/02/2018).

Entretanto, percebe-se ainda, que nos relatos da jovem “Bruna”, a condição que a expôs à prostituição, está interligada apenas à satisfação da elevação do seu ego; aonde essa profissão proporciona a ela a luxúria e a omissão de sua verdadeira identidade social. De acordo com Espinheira (1984, p. 40), “Para que haja prostituição há a necessidade de participação da mulher – a que vende a sua força de trabalho, no caso, a capacidade sexual – e do homem, que compra o direito de usá-la por determinado momento”.

Nesse sentido, é significativo considerarmos que:

A prostituição é um fenômeno social comumente abordado pelas mídias. Definir as modalidades desta atividade requer não apenas entender a ocupação espacial, mas sim, compreender as diversas práticas materiais e simbólicas que envolvem o ofício como, por exemplo, as relações estabelecidas com os clientes e a negociação de pagamentos (SILVA, 2006, p. 17).

Contudo, é notório afirmamos que, essas ‘mulheres do sexo’ por sua vez, investem uma boa parte dos valores obtidos nos seus programas sexuais em suas estéticas físicas, com vestiários entre outrem. E, sem esquecermo-nos de citar, àquelas que submetem à tratamentos cirúrgicos, sendo os mais comuns: Implantes

de botoques/ silicones e plásticas. E, por fim, constatarmos que grande percentual oriunda da lucratividade da prostituição, está voltada ao melhoramento e/ou manutenção visual dessas profissionais.

2.1 TRÁFICO DE MULHERES PARA A PROSTITUIÇÃO

Notadamente, a prostituição ocorrida com maiores de 18 anos, embora seja um ato considerado imoral, não é crime, somente a exploração do lenocínio por terceiros constitui ilícito penal. Porém, devido à grande estatística de violência, abuso e criminalidade à prostituta, a maioria delas, principalmente nas “grandes cidades” recorrem aos ‘terceiros’ em busca de segurança/proteção, tornando-se por muitas vezes, refém desse sistema, segundo Meihy (2015, p.126) “Trabalhar na terra de ameia é fogo. Você planta, cuida de tudo e a metade do seu trabalho vai pro dono da terra”.

Diante desta análise, pode-se perceber que essas mulheres tornam-se diretamente escravas destes ‘cafetões’, ou seja, torna-se vítimas desses aliciadores e aproveitadores da exploração do corpo alheio. Tendo assim, como finalidade, adquirir benefícios financeiros oriundos dessa criminalidade, assim ainda contempla Meihy (2015, p. 143):

Padrotes estão ligados ao mundo inteiro. Nossa, aqui tem rufiones, cafetão, chulos... O sonho de muita gente é passar de puto a explorador. Aí sim entra grana. Os brasileiros estão começando a entrar nesse mercado, trazendo gente de lá pra cá. O meu caso é um desses...

Nessa perspectiva, é viável constatarmos que, para quem realiza esse tipo de exploração, a atividade tem baixos riscos e altos lucros. Assim, as mulheres entram traficadas no seu país de destino com visto de turista e a ação da exploração sexual, na maioria das vezes, é camuflada nos registros por atividades legais como o agenciamento de modelos, babás, garçonetes, dançarinas, entre outrem.

Evidentemente, a grande maioria destas, não tem ciência de que essa migração estará associada à exploração sexual. E, na sua grande maioria, essas vítimas são colocadas em cárcere privado, sob constante vigilância, expostas à

preconceitos e discriminações por parte de sua clientela e dos próprios proprietários dos estabelecimentos. Assim:

Outra vez me pegaram com o cara, fora do esquema, apanhei mais, dessa vez me bateram tanto que precisei ficar sem mexer o braço um tempão. E me mudaram de cidade... Sabe o que é pior? Meu dinheiro estava com o cara e não tive como recuperar... Perdi tudo... Tudo que tinha guardado com tanto sacrifício... Outra vez pensei em morrer... Pensei em mim matar... Tive que ficar sem fazer programa por um mês, mas eles não deixaram faltar o popper. (MEIHY, 2015, p. 142).

Assim, essas mulheres geralmente são subordinadas a excesso de horas de trabalho voltados ao mercado do sexo, sem opção de rejeitar clientes e sendo alvo de drogas e álcool para permanecerem ativas em suas atribuições. E, assim, a grande maioria delas, acabam não se identificando como 'mulheres traficadas', não percebem que estão sendo gravemente exploradas e, em sua maioria, detectam apenas que foram enganadas.

É relevante afirmarmos ainda que, o tráfico para fins de exploração sexual, traz irreversíveis consequências às mulheres. Além, dessas, estarem expostas à várias doenças sexualmente transmissíveis, entre elas, a mais provável e popular, o vírus HIV.

Entretanto, essas 'mulheres exploradas' também estão expostas à ataques físicos tanto por parte dos clientes, quanto por seus aliciadores. Além, de tudo isso, terem que ainda que conviverem rotineiramente com ameaças e, ou intimidações por todo esse período que permanecem em regime de escravidão sexual, e, sem citar que lamentavelmente, ainda tenham que repassarem todo o dinheiro arrecadado para os cafetões, afim, de pagarem supostas dívidas contraídas no seu local de exploração. É eficaz citarmos que:

Mira, dona de uma história dolorida, envolvido no tráfico de pessoas, se autoflagela por ter sido enganada e se tornado refém de extremas violências morais. [...] Trabalhando sob pressão, que a obrigava a declinar sua orientação sexual, se viu deprimida e constrangida a todo tipo de violência. Ao narrar sua dor, espera que sua história sirva para salvar todos os que somem ou desaparecem sem deixar rastro. Seu objetivo é frear os deslocamentos contínuos a que são submetidos à revelia de seus conhecimentos ou desejos. São escravos do novo tempo. (MEIHY, 2015, p.232)

E, por sua vez, mesmo nos dias atuais, as estatísticas só vêm comprovando o aumento excessivo de brasileiras que ingressam nos países de língua latina da Europa, para fins de exploração sexual. Entre essa exploração, destaca-se ainda, a revenda dessas mulheres com a finalidade de levar novas possibilidades de escolha ao mercado do sexo.

Nesta perspectiva, segundo o relatório da Anistia Internacional, o tráfico de pessoas é uma das formas ilegais mais lucrativas no mercado mundial. E dados da OIT reforça que o tráfico humano movimente por ano cerca de 32 bilhões de dólares.

O Instituto Europeu para o Controle e Prevenção do Crime, estima que cerca de 500 mil pessoas são traficadas de países mais pobres para este continente por ano. E, estima ainda que, 98% dessas vítimas em todo o mundo são mulheres para o tráfico de pessoas para fins sexuais.

É alarmante e lastimável, detectarmos esses dados aonde demonstram que o Brasil atualmente é o país com maior número de mulheres traficadas para fins sexuais da América do Sul. Dados da Pesquisa Nacional sobre o Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes (PESTRAF), contabilizam 110 rotas nacionais e 131 rotas internacionais, sendo 32 dessas para a Espanha. Neste contexto:

Um dos efeitos mais impressionantes é que, embora as pessoas objecto de tráfico sejam designadas como “vítimas” em várias políticas e leis, a menos que se tornem informantes da polícia e entreguem seus “traficantes”, que bem podem ser seus amigos, amantes, irmãos, irmãs, ou seus empregadores, elas são tratadas como imigrantes ilegais, criminosas ou ameaças à segurança nacional. (Kempadoo, 2005, p. 67)

Entretanto, o relatório da OIT (Organização Internacional do Trabalho) contempla eficazmente que, geralmente o perfil dessas vítimas são as de classe populares, apresentando baixo grau de escolaridade e, que habitam em espaços urbanos periféricos com carência de saneamento básico, transporte, são dependentes da família, têm filhos e exercem atividades poucas remuneradas e, conseqüentemente, geram ausência de oportunidades de trabalho em seu local de origem/ habitação, ou ainda sofreu alguma violência doméstica ou sexual, entre outrem; as quais geram essa vulnerabilidade social e econômica motivando-as ingressarem nesse caminho tão árduo e lastimável que na maioria das vezes, sem volta.

3. PROSTITUIÇÃO EM DELMIRO GOUVEIA-AL NO FINAL DO SÉCULO XX: OS CABARÉS

Notadamente, a prostituição é um fenômeno social comumente abordado pelas mídias. Assim, “definir as modalidades desta atividade requer não apenas atender a ocupação espacial, mas sim, compreender as diversas práticas materiais e simbólicas que envolvem o ofício como, por exemplo, as relações estabelecidas com os clientes e a negociação de pagamento” (SILVA, 2006, P.17).

Todavia, as casas fechadas, conhecidas como cabarés, casas de massagem ou casas de luxo (ou simples como vemos nas periferias), caracteriza o trabalho de mulheres que não negociam seus serviços sexuais nas ruas, ou seja, o cliente passa a ser o frequentador desse espaço. Nesse sentido, vale ressaltar que, a identificação dessas casas torna-se difícil em razão de serem utilizadas como moradias e espaço de comercialização do corpo. Para tal reconhecimento, exemplifica Silva (2006, p.18) que “luzes vermelhas sinalizam as áreas de prostituição, a fim de evitar constrangimento ou invasões de casas de famílias que residiam próximos à zona”.

Nessa perspectiva, evidencia-se que a prostituição feminina é uma prática existente nas maiores e pequenas cidades, sabe-se que nas grandes capitais o fluxo é maior devido ao alto desenvolvimento industrial e econômico, é uma prática que sempre existiu, e talvez sempre exista, mesmo sendo um tema que necessita de muito estudo e aprofundamento na área, pois as prostitutas são ainda sujeitos silenciados e excluídos pela sociedade e estudiosos. Sendo assim, Foucault enfatiza grandiosamente:

Compreender nossa sociedade e nossa civilização através de seus sistemas de exclusão, de rejeição, de recusa, através daquilo que elas não querem, seus limites, a obrigação em que se encontram de suprimir certo número de coisas, de pessoas, de processos, o que elas devem deixar soçobrar no esquecimento, seu sistema de repressão-supressão (FOUCAULT, 1971: 14-15 apud COUTO, 2013, P. 01).

Seguindo essa ênfase construtiva, percebeu-se que a cidade de Delmiro Gouveia - AL, apesar de pequena se comparada às grandes capitais, no final do século XX a sua economia girava principalmente em torno da Fábrica da Pedra

(fiação e tecelagem) e do comércio, aonde a mesma, por sua vez, não se isentava da existência da prostituição. Pois, a prostituição feminina existe há muito tempo nesta cidade, mas não se sabe certo quando teve início, sendo assim, abordaremos um pouco a década de 70 e finais de 90 respectivamente.

Partindo-se da análise e pesquisa realizada na cidade para obtenção deste trabalho, evidenciou-se que a década de 1970 destacou-se a presença de um grande fluxo da prostituição nos “bordéis, cabarés, prostíbulos” na cidade de Delmiro Gouveia - AL. Tal prática iniciou-se em lugares fechados e específicos para tal finalidade, havia os cabarés mais e menos sofisticados, e também, àqueles mais famosos – nesses ambientes encontravam-se as mais belas “mulheres da vida”, assim sendo, que tais mulheres na noite em seu espaço de trabalho se comportavam como verdadeiras “meretrizes” a fim de cativar sua clientela.

Evidentemente, era nesses prostíbulos que os homens (velhos, jovens, ricos e peões) procuravam diversão extraconjugal e buscavam realizar suas fantasias e anseios sexuais, assim:

No bordel buscava-se não apenas a transgressão dos comportamentos moralmente sancionados, mas os excessos, as fugas, os êxtases, os prazeres da orgia [...] Não importa a medida do prazer que era atingido no encontro dos corpos prostituídos. Importa ressaltar a existência de fantasias que moviam os indivíduos em direção ao mundo da prostituição – lugar de coesão social, forma simbólica e concreta de escapar ao isolamento da vida conjugal e do fechamento circular das teias que configuravam o âmbito da vida privada. No cabaré, encontravam-se homens e mulheres de classes sociais diferenciadas, jovens e velhos num ritual solidário. (RAGO, 2008, p. 211).

No entanto, essas mulheres fora do cabaré e perante a sociedade, adotava uma postura normal como qualquer outra “mulher ou moça de família”, desde seu comportamento até suas vestimentas no meio social. Porém, isso não as impediam de serem vistas e apontadas pela sociedade como “putas” pelo fato de terem relações sexuais em troca de dinheiro ou bens materiais. Diante disso:

Ora, num momento onde a cidade buscava conhecer a prostituição, o corpo feminino da mulher prostituta foi base para construções misóginas de sua identidade. A prostituta passa a ser o seu sexo, seu órgão sexual, inferiorizando a condição feminina e minando suas singularidades (COUTO, 2013, p. 09).

Nessa semântica, de acordo com a pesquisa e entrevista realizada com familiares e ex-donas de cabarés desta década, citaremos os três cabarés que se destacaram neste período: Cabaré de Tonha, Boate de Pecília e Casa de Campo.

- Cabaré de Tonha: Tonha foi dona de uma das maiores casas de recurso feminino, ou melhor, Cabaré da cidade na década de 70 e 80, aonde se localizava na Rua Joenilson da Silva, antiga Rua Alto da Paz. Em entrevista com seu filho (já que a mesma atualmente muito idosa e impossibilitada de ceder entrevista), relata com maior orgulho sobre a trajetória de sua mãe; chegando a elogiá-la pela coragem e ousadia que a mesma teve. Uma época voltada ao coronelismo e conservadorismo, aonde uma mulher separada com três filhos, sem renda se envolveu com outra pessoa que lhe restou mais um filho (Uma menina, a única filha mulher, totalizando quatro filhos pequenos) e discriminada pela sociedade, onde não tinha apoio social e financeiro de ninguém. “Sua única saída foi montar um cabaré que lhe proporcionar-se renda pra criar sua família”.

O filho de Tonha relata ter boas lembranças da infância no cabaré, onde relembra as prostitutas brincando com ele e às vezes, dormia junto com elas na mesma cama como se fosse irmãs, “era uma época boa, os dias de feira vinha muitos homens montado à cavalos, aqui quase não tinha casa e os terrenos da frente só tinha avelós e algaroba (planta típica da região) onde ficavam amarrados os cavalos. Muitas vezes, chegavam cedo e só iam embora umas horas da noite ou melhor na hora de fechar o cabaré”.

Ele ainda aborda, que:

“as mulheres que ficavam aqui eram todas de fora, a maioria vinha de Petrolândia, Floresta, Inajá, essa região toda! Chegavam sempre na quinta-feira e iam embora na segunda-feira, só passavam três dias. Mas todas eram mulheres maiores de idade; minha mãe não aceitava ninguém de menor e sempre era fiscalizada pelos policiais que passavam sempre por lá”.

Nesse sentido, no Cabaré de Tonha era exigido apenas o dinheiro das bebidas e aluguel do quarto, e por isso, o dinheiro do programa ficava para as mulheres que o realizava.

Entretanto, esse cabaré possuía quatro quartos e ao encerrar o expediente, as mulheres dormiam ali mesmo e ficavam duas em cada quarto dormindo na mesma cama. E, essa casa/ cabaré tinha uma divisão estrutural que funcionava da seguinte maneira: Na frente ficava a residência da proprietária (Tonha), aonde seus filhos eram isolados de toda a movimentação do estabelecimento, pois essas crianças não tinham acesso do andamento da prática desse prostíbulo.

Este Cabaré funcionava diariamente, mas a grande movimentação estava voltada as quintas-feiras ao domingo. Pois, tais dias ocorriam uma grande movimentação na cidade de marchantes, boiadeiros, comerciantes (feijão, milho, verduras, etc.), para comercializarem e, assim, aproveitavam também, para se divertirem neste local.

Geralmente, Tonha optava por mulheres que moravam fora de Delmiro Gouveia, por sempre ter “carne nova” pra sua clientela. E, conseqüentemente, ela saía com essas mulheres para passearem no centro da cidade com a finalidade de as exporem aos comerciantes e clientes da região.

E, por fim, deu-se a inexistência desse cabaré com o surgimento de ‘forrós’ em Bares ali próximos. Pois, a clientela foi se dispersando e optando frequentarem locais abertos, com novas atrações e com custo menos elevados para a época.

- Boate de Pecília: Pecília era Pernambucana da cidade de São José do Belmonte, teve trezes filhos no geral. Na época, o seu marido era topógrafo desenhista da Chesf e ela dona de um restaurante em Paulo Afonso- BA, onde morou muito tempo na Rua H dentro da Chesf. E, por sua vez faleceu aos 66 anos, vítima de câncer.

Porém, com a separação conjugal após vinte e cinco anos de casada, seus filhos ficaram com o ex-marido e ela sem condições de manter o seu estabelecimento de trabalho, resolveu vendê-lo e abrir seu primeiro prostíbulo próximo a Rodoviária de Paulo Afonso- Bahia, o qual ficou conhecido na época como “Cobra verde”. O que é notável, é que mesmo em um lugar pequeno ela conseguiu desenvolver seu trabalho com sucesso entre outras concorrentes maiores desse período, a exemplo do prostíbulo de “Maria Cavalcante” (muito famoso e luxuoso).

Notadamente, com pouco tempo ela resolveu empreender na cidade vizinha (Delmiro Gouveia- AL) por julgar ser um local sem muitas “casas de recurso”, comprando assim, um terreno na Rua Joenilson da Silva, próximo ao Povoado

Caraibeirinhas e começou a construir seu próprio prostíbulo que se tornou o maior e o melhor da cidade. A mesma trazia a maioria das mulheres das cidades de Caruaru e Recife, chegando a ter mais de trinta mulheres dentro do prostíbulo.

Ao conquistar uma estrutura financeira favorável e seu ex-marido ao casar-se novamente, seus filhos resolveram procurá-la, que os receberam-lhe de braços abertos e logo, alugou uma casa na Avenida Presidente Castelo Branco, centro da cidade e mobilhou-a. Fizeram amizade com todos da vizinhança e sempre estava prestando assistência à família.

Logo, Pecília se tornou uma das mulheres mais conhecidas da cidade, por onde passava trazia seu bom humor, principalmente nos campeonatos delmirenses que ela gostava muito de futebol e era torcedora fanática do Palmeirinha Delmirense. E, segundo a sua filha (entrevistada), “um amigo de sua mãe chegou a afirmar que presenciou uma confusão causada por ela, que estava encostada na trave do Palmeirinha quando alguém driblou o goleiro e tocou a bola pra o gol - mas Pecília estava lá e não deixou a bola entrar”.

Então, Pecília era bem aceita no comércio, devido ser uma consumidora ativa e que gastava bastante. “Cada comerciante quando a avistava só faltava colocar ela nos braços. Possuía credibilidade pra comprar em qualquer estabelecimento, devido ser uma boa pagadora”.

Pode-se exemplificar ainda, que Pecília era uma pessoa que comprava bebidas pra sustentar a maior boate da região, alimentos tantos pra boate, quanto pra sua família, além de roupas nem se fala; “era um gasto no comércio local que os comerciantes sempre lhe oferecia e empurrava mercadorias à mais dizendo: não se preocupe a senhora paga quando puder”.

Portanto, sua filha aborda ainda que:

“Essa boate tinha oito quartos, sempre limpos e bem higienizados, sempre mantinha álcool, sabão de coco, um botijão com água e uma bacia para as meninas se banharem depois dos atos sexuais, tinha dois banheiros, uma cisterna grande de água, um salão grande para os fregueses dançarem e beberem à vontade, um bar com um depósito por traz de bebidas e comidas, tinha a casa dela do lado e uma casa no fundo com saída pra outra rua que morava uma filha que a ajudava no estabelecimento”.

Com o passar dos tempos, houve-se que algumas filhas de Pecília frequentaram e se prostituíram, não por incentivo da mãe, mas sim estava de maior e tinha se decepcionado com os namorados.

Nessa boate, eram ofertadas comida e hospedagem. Porém, essas mulheres tinham a obrigação de recepcionarem bem a sua clientela e fazerem-vos consumirem bebidas e ao fazerem o programa, teriam que repassarem o dinheiro do aluguel do quarto, ficando para essas mulheres somente o lucro pelo ato sexual.

A entrevistada ainda contempla:

Ela sempre gostou de usar peruca, roupas longas, unhas bem feitas, uma mulher bem vaidosa. Mantinha a ordem dentro da casa com regras, tinha a hora de abrir e fechar, sempre abria depois das sete horas da noite e fechava meia noite, quem estivesse lá podia permanecer até a hora que quisesse, mas trancado.

Vale ressaltar ainda, que Pecília sempre foi uma mulher caridosa que gostava de ajudar o povo menos favorecido financeiramente, a maioria das vezes, sempre era no período da semana santa que ela fazia cesta básica pra distribuir para as famílias mais carentes da região (por perto). Era católica e devota de São Lázaro e gostava de ostentação com festa chegando a fretar carro para ir tomar banho de praia no Recife. Alguns cantores famosos que vinham cantarem aqui e na região sempre acabavam indo para a sua boate, a exemplo do cantor Waldick Soriano, que veio fazer um show no centro da cidade e convidou-a pra subir no palco deixando a população de “boca aberta”. Outro evento que chamou atenção foi a cantora Cláudia Barroso, onde Pecília subiu ao palco e apresentou uma faixa nela como Miss.

E, já cansada da vida, com a idade avançada e meio adoentada ela tenta deixar sua filha à frente deste estabelecimento. Mas, ela não aceitou justificando-se não ter vocação para o negócio. Acabou fechando e posteriormente, vendendo pra um senhor conhecido por Sr. Doca. Atualmente é um depósito de material de construção e ao lado funciona uma igreja evangélica. Pecília construiu uma casa no quintal de uma das filhas, onde ficaram até o ano de 1990, seus últimos dias de vida.

- Casa de Campo: “Maria” nasceu no Povoado Lagoinha na década de 60, hoje atualmente Distrito Lagoinha. Ela oriunda de uma infância difícil, aonde teve que

trabalhar desde criança na roça para ajudar seus pais na criação de seus irmãos mais novos e, por isso, teve também que abandonar seus estudos logo cedo.

Em seguida, com a perda da sua “virgindade”, sua vida tornou-se mais difícil, tendo que sair de casa para trabalhar nas “casas de família” tornando-se vítima sexual desses patrões.

Todavia, com o passar dos tempos “Maria” tentou encontrar um parceiro e constituir família, porém, a mesma desiluiu-se com a falta de oportunidades no mercado de trabalho e, resolveu montar seu próprio negócio (cabaré) para ajudar no sustento dos seus filhos e conseguir uma independência financeira. Entretanto, “Maria” iniciou nesse comércio sexual alugando quartos no centro da cidade, e, em seguida, criou a famosa “Pousada Central”, pois optou nesta localidade por ficar centralizada. Nesta “Pousada” tinham mulheres para fazerem programas. Todas essas Mulheres moravam fora da cidade e ficavam hospedadas lá mesmo, pois “era dado as alimentações e hospedagens, o resto elas tinham que se virarem pra adquirirem o dinheirinho delas; nunca fui de explorar, mas sempre orientava sobre as situações das doenças venéreas e principalmente a AIDS que não tinha cura”.

Houveram-se neste cabaré alguns problemas tanto com as mulheres, quanto com os fregueses. Pois, “Maria” não aceitava bagunça, não aceitava drogas e nem que essas mulheres realizassem seu programa sem camisinha, porém, a grande maioria da clientela persistia em quererem quebrar essa regra.

“Maria” trabalhou nesta “Pousada Central” no começo dos anos 90 até 97 aproximadamente, quando recebeu uma ordem/intimação judicial e fizeram um acordo para transferir-se para a periferia da cidade – lugar mais escondido da sociedade. Assim, “Maria” comprou um terreno na Área Verde e construiu a “Casa de Campo”, tornando-se um sucesso e atração da cidade até o ano de 2008, fim de seu funcionamento.

Nesta perspectiva, as mulheres que trabalhavam neste cabaré, vinham de outras cidades e todas de maiores de idade; a maioria vinha das regiões de Batalha, essa escolha ocorria pelo fato de que nessa cidade “Batalha” possuir mulheres belas. Pois, “Maria” relata que não era difícil de encontrá-las, e ainda complementa:

“Até hoje é só você chegar a qualquer cidade, ir diretamente nestes

bares de posto de gasolina eles informa aonde tem meninas de programas, sem falar que agora com celular é rapidinho, fui buscar muitas, tanto lá em Batalha -AL, quanto em Serra Talhada- PE, mesmo assim ainda batia muitas meninas na minha porta”.

Categoricamente, “Maria” ainda fomenta que àquela época era um tempo de muito divertimento na “Pousada Central”, pois só tinha o bar na frente que era a recepção e o corredor com seis quartos. Já, a “Casa de Campo” tinha a sua casa na frente com um portão largo do lado pra entrar carro se fosse preciso; lá no final era os quartos e o bar, na frente dos quartos tinha uma cobertura que ficava as mesas para os clientes beberem e onde as mulheres se apresentavam e realizavam “strip” nos finais de semana. E, ao lado ainda tinha uma bilheteria aonde não aceitava fiado, tinha que pagar antecipado. Para ela, “não importava quem fosse eu tratava por igualdade, podia ser rico ou pobre”.

Enfim, houve-se a inexistência desse cabaré no ano de 2008, com o falecimento da filha de “Maria”, vítima de complicações pós-parto. Porém, apesar dessa perda familiar, “Maria” conseguiu o tão sonhado marido e atualmente é evangélica e prefere atualmente, viver sem expor essa parte do seu passado. E por fim, o prédio que ficava localizado a “Pousada” atualmente está fechada aguardando alugar e a “Casa de Campo” pertence a um sobrinho da ex-proprietária.

3.1 OS BECOS

Ao passar do tempo, a prostituição delmireense sofrera mudanças na prática dessas “mulheres da vida” se prostituírem. Pois, tais mulheres começaram a abandonar as casas fechadas (cabarés, bordéis, prostíbulos) e, por sua vez, apostarem em uma maior lucratividade em seus programas frequentando os bares existentes em becos na cidade.

Sob esta ótica, no final da década de 80, o centro da cidade de Delmiro Gouveia era possuidora de várias vielas/ becos com a existência de diversos barracos de madeira que funcionavam bares e ambiente comerciais, principalmente na frente do Colégio Vicente de Menezes, que parecia uma verdadeira favela: Não possuindo uma estrutura sanitária adequada e também, funcionavam prostíbulos a “céu aberto”, ocasionando mal estar tanto aos seus frequentadores, quanto para a

população em geral que necessitavam transitarem naquela localidade.

Neste mesmo período, era notável a existência de vários becos que logo, ficaram conhecidos por serem pontos de “encontro e comércios de bebidas”, entretanto, uma das definições dicionarizadas de beco é: Rua estreita e curta, às vezes sem saída, e pouco própria para o trânsito; viela.

Com isso, o blog de Cesar Tavares (amigo de Delmiro) contempla:

Eram quase todas desprovidas de beleza física. Afinal vida miserável não deixa ninguém bela. Algumas atendiam à clientela em pequenos quatinhos. Podia ser ali no Beco de Luiz Xavier ou até mesmo no Beco atrás da Castelo Branco. O sujeito geralmente passava pelos becos, como quem não quer nada (e querendo), olhava furtivamente para os lados e de repente emburacava num muquifo. Lá dentro aliviava o que tanto incomodava. Depois saía desconfiado, mais leve e com menos dinheiro. Mas feliz. Uma felicidade barata. Mesmo assim felicidade. Isto não tem preço. “(não sabíamos o que era Credicard)”. “Mas o slogan era perfeito” (2010).

De acordo com as afirmações anteriormente citada, percebe-se que na época existiam vários becos que ficaram identificados por nome de pessoas que eram proprietários de residências na esquina que dava acesso aos becos ou por serem os proprietários das pequenas residências que lá existiam.

Todavia, essas pequenas casas eram chamadas de quartos ou quatinhos que eram alugados às “mulheres solteiras” que ganhavam a vida se prostituindo e algumas montavam seu próprio comércio; que era um bar para atrair o freguês. No entanto, os becos mais populares foram: Beco de Luiz Xavier, Beco de Zé Balbino e Beco de Pedro Camilo.

Porém, o beco que mais se destacou na prostituição, destaca-se o “Beco de Zé Balbino” que ficou conhecido também como “Beco do Escondidinho ou Beco Sete Facadas” onde tinha os bares de Zefinha e Joel Cardeal, os quais atraíam várias mulheres de outra localidade, que durante o dia iam frequentarem esses locais com a finalidade de “farrearem” com seus clientes, muitas vezes, com o excesso de bebidas e a efeito do álcool a folia acabava com desentendimento e confusões entre elas ou até mesmo com sua clientela. .

Assim, outro comentarista do blog de Cesar Tavares (Paulo da Cruz) exemplifica com maior exatidão a origem do nome desse “beco” anteriormente

citado:

O nome é decorrente de sete facadas que Lourdes "Gato" uma das "meninas" que faziam ponto nos moquifos que existiam nos arredores do Beco das sete Facadas. Milagrosamente ela sobreviveu. 'Lourdes Gata' foi uma das mulheres que frequentava o bar do Joel Cardeal e teve um desentendimento com um parceiro que quase acabou em uma tragédia maior. Tive a honra de conhecer ela e sua irmã 'Chica Gata'. Mas já não viviam na mesma vida de antes todas as duas eram casadas ou viveram com seus parceiros até o final de sua vida (2010).

Nessa perspectiva, de acordo com a pesquisa e entrevista realizada com uma dessas mulheres frequentadoras assíduas desses becos naquela época, destacaremos "Mocó":

Pelo nome de Leide pouca pessoa o conhece, mas pelo apelido de Mocó e carinhosamente Mocozinha, a cidade toda a conhece, principalmente os mais idosos. Nasceu no ano de 1951 e atualmente tem 67 anos com muita lembrança das festas e curtição. Foi criada por seus avós materno e perdeu sua virgindade aos 14 anos por curiosidade, o qual se relacionou com um rapaz comprometido. E, aos seus avós descobrirem o acontecido, a expulsaram de casa. Assim, indo morar inicialmente na casa de uma tia que durou pouco tempo e logo, teve que residir com um tio que também não a suportou, por possuir uma personalidade aventureira na "arte do sexo", e assim resolveu alugar um quartinho no beco na 'Rua do Chafariz', atualmente, situada no beco atrás da Pousada Atalaia.

Nesse sentido, segundo a entrevistada...

Deu-se início a tal liberdade para um mundo do sexo e curtição, pois saía para os bares dos becos e da cidade. E, na hora de se relacionar sexualmente, na maioria das vezes trazia os fregueses para minha casa, fui bastante procurada tanto por homens casados quanto homens solteiros (a maioria desses homens eram rapazes jovens virgens). (2018)

Dessa forma, "Mocó" demonstra conhecer todos os pontos da cidade, e por sua vez, enfatiza que naquela época só não frequentou os bailes nos clubes fechados por ser proibido a entrada das "mulheres da vida". Ainda contempla: "Até

Blog Amigos de Delmiro 2010, acessado em 21/07/2018.

Entrevista cedida por "Mocó" em 20/05/2018.

no cabaré de Percília fui barrada porque ela já tinha as meninas dela e não precisava de pessoas já bastante conhecidas”.

Mocozinha também relatou um pouco de cada um dos lugares onde frequentavam, os quais marcavam os encontros antecipadamente com seus clientes. Tais clientela eram oriundas geralmente, pessoas da alta sociedade que na maioria das vezes o encontro era realizado à noite – às escondidas.

Todavia, Mocó ainda exemplificou que entre uma dessas noites recebeu um recado de uma pessoa que disse que o Juiz da cidade, na época, mandou-lhe chamá-la para ir à sua residência e, mesmo com receio e medo resolveu comparecer e foi surpreendida com a proposta de fazer programa com àquela autoridade.

É notório ainda afirmarmos que, os becos da cidade tinham bastantes bares que aceitavam essas mulheres com intuito de obterem lucros na venda das bebidas e muito desses estabelecimentos, possuía ‘um quarto’ que era alugado para essas mulheres realizarem seus programas. Porém, a maioria dessas prostitutas, inclusive Mocó, preferiam levar seus clientes para suas próprias residências a fim da obtenção de lucratividade maior à cada programa.

Enfim, seguindo o enxerto do texto de César Tavares, pode chegar-se a seguinte conclusão, sistematicamente:

Mocozinha, Velha Ana, Muda, Cata-Osso, Lourdes Pezinho e Percília. Você sabe quem foram estas meninas? Quem pensou que fosse a seleção delmirense feminina de vôlei, errou. Errou feio. Estas meninas foram professoras de muitos delmirenses. Prestaram um inestimável serviço de iniciação sexual para uma porrada de adolescentes e outros nem tantos. (2010)

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

O presente estudo contou com a metodologia de pesquisa qualitativa, que possibilitou uma visão ampla sobre o tema, segundo Severino (2007, p.119), “[...] daí ser preferível falar-se de abordagem quantitativa, de abordagem qualitativa, pois, estas designações, cabem referir-se a conjuntos de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas”. Por sua vez, o autor

evidencia que não se deve limitar-se apenas conhecer o objeto, mas buscar aprofundar-se em suas experiências, trajetórias, ou seja, a busca pelo interesse de vivenciar a pesquisa.

Sob essa ótica, a pesquisa de campo é marcada pela presença direta do pesquisador com o seu objeto, com isso, a observação e a coleta de dados foram oriundas de entrevistas como técnica de coleta de dados semiestruturadas para esses fins. Assim, Martins e Lintz (2009, p. 54) enfatizam que “esse tipo de pesquisa faz com que o pesquisador busque dados, percepções, opiniões, para obtenção de informações relevantes sobre o tema”.

Nesse sentido, a técnica de entrevista tem o intuito de entender os significados que os indivíduos entrevistados dão as questões e situações postas pelo pesquisador sobre o tema. “Também, foi adotada a pesquisa bibliográfica sendo de fundamental importância, a pesquisa documental, que para Oliveira (2002), resulta conhecer as diversificadas formas de contribuições científicas sobre o tema escolhido sobre determinado conteúdo”.

Entretanto, os sujeitos de pesquisa foram os filhos de Tonha e de Pecília (por essa primeira encontra-se muito idoso-debilitada e a segunda, por já encontrar-se falecida), ‘Maria’ e Mocó. As entrevistas aconteceram em suas próprias residências com horário e dia devidamente marcado antecipadamente, aonde todos demonstraram dispostos a contribuir com a pesquisa e, conseqüentemente, foi adotado a entrevista pela técnica de história oral, anotada num questionário, todas com o consentimento dos entrevistados, assinado um termo de consentimento e, no momento, também cederam algumas fotos da época e, conseqüentemente, fui à campo registrar e constatar como esses estabelecimentos estão na atualidade.

CONCLUSÃO

O estudo sobre “Mulheres Sertanejas: Os cabarés e becos em Delmiro Gouveia- AL, no final do século XX proporcionou-nos uma análise relevante acerca da prostituição feminina, a qual era marcante em lugares fechados e movimentados, tais como cabarés e bares. Assim, é notório exemplificarmos que: O alto meretrício acontecia nos bordéis/ cabarés de luxo, os quais ficavam afastados do comércio, além disso, era frequentado por todo tipo de clientes: “homens casados, solteiros, virgens, da elite, ‘homens comuns’, mas, acima de tudo, homens com dinheiro para gastar”. E, o do baixo meretrício acontecia em bares próximos ao antigo mercado público, em becos que se localizava no centro da cidade, no qual, os clientes não eram somente delmirenses, mas também moradores de cidades e povoados circunvizinhos. Estes eram, em sua maioria, trabalhadores rurais proletários assalariados.

Essa análise, levou-nos à uma constatação de que da década de 1970 até os dias atuais, houvera algumas mudanças ao que tange a prostituição em Delmiro Gouveia, podendo-se destacar a ausência de “casas alegres” (bordéis, prostíbulos, cabarés), além de destacar a diferença do perfil de algumas prostitutas da cidade. Porém, atualmente percebe-se notadamente, que os prostíbulos apresenta-se de forma mais camuflada, em ambientes que servem como ponto de encontros, como bares da cidade aonde mulheres e até menores de idade são contratadas por proprietários desse espaço, para atraírem clientes e proporcionar lucro aos seus donos, e, após, tais mulheres fazem o seu programa para garantir seu “trocado”.

Nesse contexto, pode-se ainda comparar o perfil dos frequentadores dos cabarés das décadas de 1970 a fins de 1990 aos da atualidade, pois é possível percebermos diferenças em diversos aspectos como, por exemplo, o econômico. Já que os homens da elite dos dias atuais, não necessitam se expor nestes ambientes para conseguirem garotas de programa. E, por sua vez, as prostitutas atuais que frequentam esses locais (cabarés camuflados) em busca de clientes são as mais pobres, ou seja, são mulheres que possuem pouco rendimento econômico para sua sobrevivência.

Todavia, as garotas de programas / prostitutas de alto “meretrício” da atualidade da cidade de Delmiro Gouveia, não precisam frequentar esses bares menores para conseguir seus clientes. Essas garotas diferentemente das prostitutas

dos prostíbulos das décadas passadas (70 a 90), selecionam e escolhem seus fregueses pelo nível econômico (empresário, políticos e autoridades) mantendo relacionamento duradouro com estes, sendo discretas perante a sociedade e vistas por muitos como “amantes”.

Nessa perspectiva, essa pesquisa abriu-nos uma luzerna acerca da prostituição em geral, e, em particular, sobre as causas, consequências e ênfases que leva uma mulher a fazer do seu corpo uma opção de renda e sobrevivência. Em suma, lastrear sobre alguns cabarés e becos que aqui existiram no final do século XX na cidade de Delmiro Gouveia, para sanarmos / minimizarmos dúvidas, anseios e indagações sobre essa problematização.

Sobretudo, a suma importância e significância deste trabalho é enfatizarmos que a “prostituição” foi e sempre será um tema que seu “desfecho” dependerá do seu escritor/ narrador e interpretador. No tocante dessa temática, indicamos este ‘Artigo’ às estudantes, leitores, escritores, indivíduo comum da sociedade, historiador, enfim, à todos que almejarem acrescentar positivamente nessa temática. Para tanto, é preciso vislumbrar a trilha percorrida no passar dos séculos, passos dados, corrigirem rotas, sair de si própria e pensar como um todo; viajar na vasta história sobre a “prostituição” de fato é um bom começo!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, I. **Prostituição e exploração: comercialização de sexo jovem**. Disponível em <http://www.caminhos.ufms.br/reportagens/view.htm?a=45>. Acesso em 07/maio/2007.
- CARDOSO, C.F e VAINFAS, R. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997 – 21ª reimpressão.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. **Prostituição – Corpo como mercadoria; In: Mente & Cérebro – Sexo**, v.4 (edição especial), dez. 2008.
- COUTO, Varlei Rodrigo do. **Foucault e a prostituição ou a vida das mulheres infames**. XXVII Simpósio Nacional de História. **Conhecimento histórico e diálogo social** – Natal- RN. 22 a 26 de julho de 2013; Anpuh – Brasil.
- DINIZ, Mariallidiana; QUEIROZ, Fernanda Marques de. **A relação entre gênero, sexualidade e prostituição**. Divers@ Ver. Elet. Interdisc., Matinhos. v.1, p.2-16, jan/jun. 2008.
- FALCI, Miridanknox. **Mulheres do Sertão Nordestino**. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERRO, E. P. **Prostituição e romance**. Goiânia: UCG, 1997.
- FOUCAULT, Michel, 1971. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**; tradução de Varlei Rodrigo do Couto. Rio de Janeiro, Edição Graal, 2013.
- MARTIN, Heidegger. **Ser e Tempo (Partes I e II)**. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Prostituição à brasileira: cinco histórias**. – São Paulo: Contexto, 2015.
- NÓBREGA, G. M. **A prostituta: mulher de vida ambivalente de uma profissão?** In.: SILVA, A. de P. D. da (org.). **Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos**. Campina Grande: EDUEP, 2007.
- NOVAES, S DOS S. **Mulheres Sertanejas: política, sociedade e economia (1840-1920)**. Disponível em: < <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1143.pdf>> Acessado em: 20/02/2017.
- NOVAIS, Suzimar dos Santos. **Mulheres Sertanejas: política e economia no sertão da ressaca (1840-1920)**. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13320/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Suzimar%20dos%20Santos%20Novais.pdf>>. Acessado em: 02/01/2017.
- OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. **Dimensão Estratégica da Comunicação no contexto organizacional contemporâneo: um paradigma de interação**

comunicacional dialógica. Tese (Doutorado) – UFRJ, Escola de Comunicação, 2002.

PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **História das Mulheres no Brasil.** 9. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **Histórias e conversas de mulher.** 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os cangaceiros.** São Paulo: Duas Cidades, 1977.

RAGO, Margaret. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890- 1930.** – São Paulo: Paz e terra. 2. ed.,2008.

ROSSIAUD, J. **A prostituição da Idade Média.** Tradução Evans Ricards. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** – 23. ed. rev. E atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, R. A. da. **Prostituição: artes e manhas do ofício.** Goiânia: Cãnone Editorial, ed. UCG, 2006.

SILVA, T. M. G. da. **“Você acha que a gente vai poder com homem?”: práticas conjugais entre mulheres das camadas populares.** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Departamento de Ciências Humanas. Curitiba, 2007.

Amigos de Delmiro Gouveia. <https://amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br/> - Acesso em 21/07/2018.

Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres.
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644701> - Acesso em: 21/07/2018.

Prostituta de luxo conquista apartamentos caríssimos com a profissão.
<https://www.youtube.com/watch?v=03Gh-4USdxs> (Documentário Repórter Record, 2018) – Acesso em: 19/07/2018.

APÊNDICES – ENTREVISTAS (PERGUNTAS / RESPOSTAS)

QUESTIONÁRIO (Mocó)

1. Você gostaria de relatar como foi sua infância até chegar à prostituição?
2. Com quantos anos você iniciou sua vida na prostituição?
3. E, o que te fez despertar a sexualidade como meio de sobrevivência financeira?
4. Existia um local fixo pra você se prostituir?
5. Você gostava do que fazia?
6. Atualmente, você conseguiu conquistar bens com sua profissão?
7. Qual era o tipo de prevenção utilizada por você para evitar doenças sexualmente transmissíveis e gravidez?
8. E, geralmente qual era o estado civil dos homens que você se relacionava?
9. Onde ficava localizado esses becos, quem eram os proprietários e como funcionavam?
10. Para finalizarmos, você pode exemplificar algum fato ou momento que marcou a sua vida na época da prostituição?
11. Você se incomoda se alguém citar o seu passado?

Entrevistada: Mocó

Idade: 68

Profissão: Doméstica

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: Não alfabetizada

Data da Entrevista:

RESPOSTAS

1. Bem, eu nasci e fui criada até os um anos pelos os meus avós maternos num povoado da cidade (Lagoinha), já que a minha mãe era “mãe solteira” e nunca revelou quem era o meu pai. Após os 14 anos, por curiosidade mim relatei sexualmente com um rapaz comprometido (noivo) do mesmo povoado que logo o fato se espalhou e ao chegar aos ouvidos dos meus avós de imediato, mim puseram pra fora de casa. Assim, fui morar na casa de uma tia também no mesmo povoado, mas logo fui também expulsa de lá porque acabei tendo um novo relacionamento, dessa vez, com um rapaz que servia o exército, mas não queria compromisso. E, também minha tia ficou sabendo e mim pôs para fora de sua casa. Logo tive que arrumar minhas coisas e vir pra cidade pedir refúgio a um tio, o qual no início mim acolheu, mas como eu continuava saindo às escondidas com esse último rapaz, o meu tio não aceitou e pediu que eu arrumasse outro canto para eu ir morar. E, a partir dali, eu tive que me virar para pagar um aluguel de um quarto e me sustentar financeiramente. Assim, teve-se início da minha prostituição.

2. Não lembro bem; mas foi aproximadamente após os 15 anos.

3. Eu não sabia ler e muito jovem, não tive outra opção, pois o que aparecia era para trabalhar em casa de família em troca de alimentação e roupas.

4. Sim, no início eu aluguei um quartinho no beco do chafariz, que hoje fica atrás da Pousada Atalaia, e levava os clientes para esse local.

5. Sim, pois mim sentia livre para o mundo, o sexo e curtidão. Saía para os bares nos becos e até os cabarés da cidade. Conhecia todos os pontos da cidade, só não

frequentava os clubes sociais (Clube Palmeirão / Clube Vicente), porque as mulheres casadas proibiam a entrada de “raparigas”.

6. Não, eu vivi mais esta vida para me manter e curtidão.

7. Na época não tinha essas doenças que matam ou eu não as conhecia; e também não usava nenhum método para evitar gravidez. Pois durante essa vida de prostituição só engravidei uma vez. Mas, nunca evitei...

8. A maioria era homem casado que mim procurava, alegando ser apenas momento de farra. Os homens solteiros tinham vergonha de frequentar esse tipo de ambiente. E, quando aparecia um solteiro era “virgem” a fim de adquirir experiência sexual.

9. Existiam vários becos, os mais famosos foram o Beco do Zé Balbino, que era conhecido como “Beco do escondidinho”; lá ficava o Bar de Joel Cardeal, Bar da Sônia e Bar da Preta. Mas, também existia na Rua Tiradentes outros bares entre eles: O Bar de Maria Dulce, o Bar da Noélia, Bar da Narcisa, Bar da Maria de Zequinha. Todos esses bares que eu citei, possuía um quarto reservado para programas, por isso que era chamado de “Cabaré”. Mas, tinham muitas mulheres que iam pra lá beberem, mas preferiam fazerem programas em suas casas, ou seja, atraía os clientes para a sua residência, a fim de lucrar mais.

10. Teve vários momentos; mas existiam alguns que a gente nunca esquece... Entre eles, foi quando estava um dia na minha casa por volta das 8 horas da noite e recebi um recado de uma pessoa que disse que o juiz me mandou ir até a casa dele. Fiquei com medo sem saber o que tinha acontecido, mas fui até lá e ele me mandou entrar. Eu estava nervosa e ele disse que apenas queria ficar comigo aquela noite.

11. Não, pois não sinto vergonha da vida que eu levei e tenho orgulho do que fiz. E, se eu pudesse faria tudo novamente.

QUESTIONÁRIO (Tonha, Pecília e Maria)

1. Gostaria de saber como foi sua infância até chegar a ser proprietária de Cabaré?
2. O que a levou abrir uma casa de recurso “Cabaré” em Delmiro Gouveia?
3. De onde vinham as mulheres que prestavam serviços sexuais no cabaré?
4. Havia algum tipo de perfil/ seleção para trabalhar no cabaré?
5. Como era repassado o pagamento para essas mulheres?
6. Onde ficava localizado esse cabaré? E como era o espaço físico/ estrutural?
7. Esse local funcionava diariamente, ou tinha o dia e horário específico?
8. Já houve confusão neste espaço?
9. Existia algum critério para expor as mulheres novas da casa?
10. Como essas mulheres se trajavam (bem vestidas, seminuas, etc.)?
11. O que de fato aconteceu para a inexistência desse cabaré?
12. Atualmente, você conseguiu conquistar bens com essa profissão?
13. E por fim, você hoje se envergonha ou se arrepende do seu passado?

Entrevistada: Filho de Tonha (Pois Tonha atualmente encontra-se com Alzheimer)

Idade: 87

Profissão: Aposentada

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: Fundamental Incompleto

Data da Entrevista:

RESPOSTAS

1. Minha mãe nasceu na cidade de Água Branca na Serra dos Simões e teve vários irmãos, entre eles se destacou um por virar empresário e ser um dos mais ricos da cidade. Ela hoje está com 87 anos de idade e reside comigo. Casou-se, teve três filhos e com a separação tentou outro casamento que nasceu outro filho, a única filha mulher; que também não deu certo. Vindo a ser discriminada pela sociedade, e sem apoio de ninguém, resolveu montar um bar e em seguida, transformou-o em um cabaré.

2. Com a falta de oportunidades de trabalho com salário digno para sustentar toda a família. Pois, minha mãe é uma guerreira corajosa em abrir naquela época um cabaré com apenas a cara e a coragem.

3. As mulheres que ficavam aqui em casa, a maioria vinham de Petrolândia, Floresta, Inajá, essas regiões todas. E, sempre chegavam à quinta- feira e iam embora à segunda- feira, e, as que eram daqui, ao terminar o expediente, retornavam para suas casas, ou seja, só ficavam as que eram de fora da cidade.

4. Não, pois minha mãe não tinha um contrato com elas, desde que elas dessem lucros poderiam frequentarem o cabaré. Por exemplo, as mulheres daqui só apareciam quando tinham um encontro marcado com algum cliente.

5. Era conforme o programa que ela realizava, ou seja, minha mãe só exigia o dinheiro do quarto e da bebida.

6. Na Rua Joenilson da Silva, antiga Rua Alto da Paz. O estabelecimento possuía uma casa na frente onde nós morávamos, e por trás tinha um salão aonde

funcionava o cabaré, com um local onde ficava as bebidas (bar) e 4 quartos e 1 banheiro, com pouco luxo.

7. Funcionava todos os dias, mas a grande movimentação era de quinta- feira à domingo. Pois, tais dias geralmente vinham para a cidade marchantes, boiadeiros, comerciantes de feijão, de verduras, etc., para a cidade e resolviam se divertirem neste local.

8. Não, no local não! Mas, na rua geralmente havia bastante com o pessoal que vinham de outras localidades para os “forrós” que aconteciam ali próximo, como o Bar de Odilon e o Bar de Irineu; que com tantas confusões a rua ficou também conhecida como a rua do “Cassete armado”, e logo popularizou.

9. Sim, quando chegavam essas “mulheres novas” minha mãe saía pra passear com elas no centro da cidade, com a finalidade de expô-las aos comerciantes e clientes locais.

10. Minha mãe gostava de fazer suspense e queria que elas se vestissem e se arrumassem bem, principalmente quando fossem para a rua, a fim de causar curiosidade e atraí também à clientela.

11. O cabaré da minha mãe já vinha sofrendo decadência devida esses “forrós” existentes aqui por perto, onde uma boa parte dos clientes preferiam frequentarem o forró, pois além de se divertirem, tinham o consumo de bebida mais barato. E, a maioria das mulheres que ali frequentavam e faziam programas, já possuíam seu próprio local aonde levava a clientela.

12. Minha mãe ao fechar de vez o cabaré, no local fez uma reforma e construiu 5 casas que no início era para aluguel, mas depois distribuiu dessas casas para cada um dos filhos e a que sobrou ficou pra ela morar. E, atualmente tais casas não pertencem a nenhum de nós.

13. Não, minha mãe sempre fala que foi a única saída para nos criar na época, dando-nos o direito de 3 refeições, à estudar, a se vestir, enfim, a termos uma vida

digna. Por isso, que mim orgulho e cuidado dela com muito prazer, até Deus a levar para o descanso eterno.

Entrevistada: Filho de Pecília (Pecília falecida)

Idade: 66

Profissão: Aposentada

Estado Civil: Solteira

Escolaridade: Fundamental Incompleto

Data da Entrevista:

RESPOSTAS

1. Minha mãe era pernambucana vinda da cidade de São José do Belmonte, teve uma infância sofrida no sertão e teve que casar muito cedo, casou-se muito nova, só não sei informar a idade exata, mas aproximadamente com 16 anos. Teve 13 filhos no geral, mas atualmente só tem 6 filhos vivos. Meu pai era funcionário da Chesf e minha mãe era proprietária de um restaurante em Paulo Afonso onde moramos por muito tempo na Rua "H"; após 25 anos de casados houve a separação por infidelidade por parte da minha mãe. Com a separação, ela fechou o restaurante e resolveu investir em uma boate próxima à rodoviária, onde ficou conhecida como "cobra verde"; mesmo em um lugar pequeno ela conseguiu desenvolver seu trabalho com sucesso apesar de ter outros concorrentes maiores na época, a exemplo da "Boate da Maria Cavalcante", uma das mais famosas da época.

2. Minha mãe tinha uma visão mais ampla e ao passear em Delmiro, percebeu que a cidade necessitava de uma boate. Comprou um terreno no final da cidade e construiu; tornando-se a única boate da cidade com espaço amplo e mais famosa da localidade.

3. Ela trazia essas mulheres de várias cidades, sendo a maioria da cidade de Caruaru e Recife. Chegando a ter mais de 30 mulheres em alguns momentos; pois minha mãe preferia trazer essas mulheres de fora para evitar vínculos familiares.

4. Sim, sempre procurou mulheres de maior idade para evitar problemas com a justiça, mas também tinha que ter boa aparência e não poderia ter mais de 30 anos.

5. Elas não tinham um valor fixo; ganhavam de acordo com os programas feitos e, minha mãe garantia alimentação e hospedagem dessas mulheres e, em troca elas tinham que atrair os clientes e fazer com que eles consumissem bastante, entre esses lucros estavam também o pagamento do quarto e elas poderiam ficar com o pagamento dos programas.

6. Ficava localizado na Rua Alto da Paz, atualmente Rua Joenilson da Silva, próximo ao povoado Caraipeirinhas. A Boate na época tinha a casa da minha mãe na frente e ao lado a entrada da boate: Um salão grande para recepcionar os clientes e 8 quartos (cada quarto possuía cama e uma bacia para se banharem com água e álcool para a higienização), tinham 2 banheiros, 1 Bar com depósito de bebidas e ao fundo, ficava a minha casa com saída na outra rua. E, que atualmente esse espaço pertence ao Senhor Doca, atual proprietário, aonde ele fez um depósito de construção e uma Igreja Evangélica.

7. Tinha normas a serem seguidas; então os eventos ocorriam geralmente no horário noturno e no horário da manhã ficava especificamente para arrumação/ organização do espaço. Mas, também não impedia a venda de bebidas e petisco aos clientes pela manhã e os de maiores movimentos eram na quinta ao domingo, sempre à noite.

8. Muito pouco, nada considerado grave, pois minha mãe se preocupava em manter a ordem na casa com as mulheres para evitar discussões entre elas. Possuía regras e todas tinham que segui-las, caso contrário, eram dispensadas da casa. Mas, lembro de uma vez que um Senhor fotógrafo queria consumir bebidas fiado e minha mãe disse que não vendia, e ele a empurrou, mas como no momento tinha um cliente com “fama de bravo” e era temido por todos, logo levantou e acalmou a situação colocando o agressor pra fora à força.

9. Sim, pois como minha mãe tinha várias amigas com comerciantes, ela mandava recados pra eles que tinham “coisas novas na área” e logo eles chegavam para visitá-las.

10. Elas sempre estavam bem vestidas e perfumadas para atrair a clientela e mostrar boa imagem da casa. Apesar de que, pareciam alguns homens ricos da sociedade que muitas vezes ordenavam que fechassem o estabelecimento para ficarem tais mulheres exclusivamente a serviço deles, aonde geralmente solicitavam que todas dançassem peladas “por conta dele”.

11. No final dos anos 80, aconteceu um acordo do Poder executivo com o Judiciário da cidade para fecharem todos os estabelecimentos que trouxessem uma imagem negativa à sociedade (Cabarés). Porque vinham tendo bastantes problemas com a prostituição nas ruas e becos da cidade, tais como: Brigas, bagunças, poluição sonora, etc.

12. Sim, minha mãe conseguiu adquirir pouco por causa da vaidade e caridade dela; pois ela gostava muito de se vestir com roupas luxuosas e frequentar lugares públicos ostentando com bebidas, aonde pagava para todas elas. Chegou até a fretar carro para ir até o Recife tomar banho de mar com as mulheres da boate. Sem falar, em nós filhos aonde ela supriu todas as nossas necessidades com roupas, calçados, alimentação, escola, etc.

13. Não, pois foi com esse passado que minha mãe conseguiu dar uma vida digna à nós. E, com o fechamento da Boate, ela resolveu vender o estabelecimento e com o dinheiro investiu na construção de uma casa no quintal da minha irmã, aonde depois deste fato, com aproximadamente 64 anos de idade, descobriu que era portadora de C.A. e chegou a falecer em 1990 com 66anos.

Entrevista: Maria (nome fictício)

Idade: 52 anos

Profissão: Pensionista

Estado civil: Viúva

Escolaridade: Fundamental incompleto

Data da entrevista:

RESPOSTAS

1. Nasci e mim criei no Povoado Lagoinha, tive uma infância difícil, aonde tive que trabalhar na roça e teçê rede para ajudar meus pais na criação dos meus irmãos; e estudei muito pouco. E, quando mocinha perdi minha virgindade muito cedo e tive que sair de casa e trabalhar e morar de favor nas “casas de família “.

2. Foi através da desilusão da vida, aonde tentei encontrar uma pessoa para formar uma família e não consegui. E, não encontrava um emprego digno que ganhasse um salário mínimo para eu me manter; pois como todo mundo sabe que naquela época ninguém pagava esse valor em casa de família, resolvi alugar o primeiro andar do prédio do senhor Loureço no centro e montei a “Pousada Central”; que na verdade era um local reservado à prostituição.

3. As meninas vinham de fora, todas de maiores idades, geralmente da cidade de Batalha e Serra Talhada. Mesmo assim, ainda surgiam meninas da cidade à procura de vaga.

4. Sim, sempre quando ia à procura nas vizinhanças, eu pedia informações/indicações nos bares e escolhia aquelas que demonstrassem mais postura e também fossem mais atrativas para a clientela.

5. Era dada a hospedagem e a alimentação e caberia à elas tratarem bem os clientes para obterem o dinheirinho dela, especificamente do programa.

6. No início era no centro da cidade cujo nome “Pousado Central”, que funcionou no início dos anos 90 até 97, e após ser intimado judicialmente para sair do centro

(local visto por todos), fiz um acordo com a justiça para mudar para a periferia da cidade. “Então, comprei um terreno e construí a “Casa de Campo”, localizada no bairro Área Verde”, aonde tornou-se a maior atração dos “amantes da noite”, com uma das melhores estruturas aonde possuía a minha residência na frente e ao lado possuía uma garagem larga que servia como espécie de estacionamento dos clientes de moto e atrás existia um pátio coberto onde funcionava a recepção dos clientes como “pole dance” para atrair os clientes e ao final do muro ficavam os quartos cada qual com banheiro(suíte), e ao lado estava o bar e depósito das bebidas.

7. Funcionava diariamente, porém, cada dia tinha uma atração. Por exemplo, dia de quinta-feira e sexta-feira era dia de “stripetess”. Mas, todos os dias aparecem clientes para consumir bebidas.

8. Nada grave; apenas discussões com os clientes que insistiam em não quererem se prevenir/usar camisinha na hora do ato sexual. E, também, algumas das meninas que vinham de fora e era usuária de droga, que eu ao perceber colocava para fora do meu estabelecimento.

9. Assim, tinha uns clientes que já deixavam certo que ao aparecer “carne nova no pedaço” os comunicassem. Pois, eles já deixavam o número de contato comigo.

10. Vestiam roupas atrativa, ousadas pra época. Como shorts curtos, blusa que deixavam a barriga à mostra, muita maquiagem. Pois, as deixava livres na escolha delas.

11. No ano de 2008, Deus levou uma filha minha depois do parto, mas tinha mim dado o tal sonhado marido, aí resolvi fechar a casa e vendi o estabelecimento. Hoje sou evangélica e vivo exclusivamente para meus filhos.

12. Não, pois atualmente vivo de uma pensão do meu falecido companheiro e moro em casa alugada.

13. Sim, por hoje ser evangélica evito expor o meu passado. Pois, foi algo que passou e prefiro viver o meu presente / hoje.

ANEXOS**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE USO DE
IMAGEM E DADOS**

Eu LEIDE VIEIRA NUNES (MOCÓ) inscrito no CPF 563.911.614-57
e RG 1580356, autorizo Iratan Vieira Nunes, estudante do curso de História
Licenciatura, na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, inscrito
sob o CPF 020.968.684-75

, a utilizar e publicar em seus trabalhos acadêmicos fotografias e dados meus/ meus
familiares, que compõem parte do meu arquivo pessoal e que foram cedidas ao mesmo
no intuito de fornecer material de pesquisa e insumos para enriquecimento de seu trabalho
científico.

Tal autorização se dá de forma gratuita, não gerando qualquer ônus ao interessado
e isentando-o de qualquer responsabilidade pelo uso do referido material. Por esta ser a
expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja
a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino
a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.



ARRÓCO (LEIDE VIEIRA NUNES)

Delmiro Gouveia – AL, 20 de MAIO de 2018.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE USO DE
IMAGEM E DADOS**

Eu MARINIDE V. DA SILVA, inscrito no CPF 035.206.899-94
e RG 708436, autorizo Iratan Vieira Nunes, estudante do curso de História
Licenciatura, na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, inscrito
sob o CPF 020.968.684-75

, a utilizar e publicar em seus trabalhos acadêmicos fotografias e dados meus/ meus
familiares, que compõem parte do meu arquivo pessoal e que foram cedidas ao mesmo
no intuito de fornecer material de pesquisa e insumos para enriquecimento de seu trabalho
científico.

Tal autorização se dá de forma gratuita, não gerando qualquer ônus ao interessado
e isentando-o de qualquer responsabilidade pelo uso do referido material. Por esta ser a
expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja
a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino
a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

marinide vieira da silva

Delmiro Gouvêa – AL, 22 de MAIO de 2018.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE USO DE
IMAGEM E DADOS**

Eu MARIA FERREIRA ANDRÉ, inscrito no CPF 162.696.084-93
e RG 249362, autorizo Iratan Vieira Nunes, estudante do curso de História
Licenciatura, na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, inscrito
sob o CPF 020.968.684-75

, a utilizar e publicar em seus trabalhos acadêmicos fotografias e dados meus/ meus familiares, que compõem parte do meu arquivo pessoal e que foram cedidas ao mesmo no intuito de fornecer material de pesquisa e insumos para enriquecimento de seu trabalho científico.

Tal autorização se dá de forma gratuita, não gerando qualquer ônus ao interessado e isentando-o de qualquer responsabilidade pelo uso do referido material. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Maria Ferreira André

Delmiro Gouveia – AL, 24 de MAIO de 2018.

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO DE USO DE
IMAGEM E DADOS**

Fu ELMILDO SEVERO DE OLIVEIRA, inscrito no CPF 383.199.834-15
e RG 653826, autorizo Iratan Vieira Nunes, estudante do curso de História
Licenciatura, na Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão, inscrito
sob o CPF 020.968.684-75

, a utilizar e publicar em seus trabalhos acadêmicos fotografias e dados meus/ meus familiares, que compõem parte do meu arquivo pessoal e que foram cedidas ao mesmo no intuito de fornecer material de pesquisa e insumos para enriquecimento de seu trabalho científico.

Tal autorização se dá de forma gratuita, não gerando qualquer ônus ao interessado e isentando-o de qualquer responsabilidade pelo uso do referido material. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Elmildo Severo de Oliveira

Delmiro Gouveia – AL, 31 de maio de 2018.



Figura 1: Pecília apresentando a cantora Cláudia Barroso em 1974. Figura 2: Cantor Valdick Soriano e Zé Binga no Cabaré de Pecília.

Fontes: Arquivo familiar.



Figura3: Aniversário de 50 anos de Pecília em seu Cabaré. Figura 4: Pecília, suas meninas e frequentadores do Cabaré. Figura 5: Imagens de algumas de suas "Meninas" do cabaré.

FONTES: Arquivo Familiar.



Figura 6 e 7: Antigo Cabaré de Pecília (atualmente Igreja Evangélica e um depósito de material de construção).

FONTE: Iratan Vieira Nunes.



Figura 8: Antigo Cabaré de Tonha (atualmente casas residenciais), Figura 9: Antiga Pousada Central (Atualmente Prédio Comercial) e Figura 10: Antiga Casa de Campo (Atualmente casa residencial).

FONTE: Iratan Vieira Nunes.



Antigo Beco de Pedro Camilo (atualmente Travessa Freitas Cavalcante).

FONTE: Iratan Vieira Nunes.



Antigo Beco do Zé Balbino (atualmente Travessa Freitas Cavalcante).

FONTE: Iratan Vieira Nunes.



Antigo Beco do Escondidinho ou Sete facadas (atualmente Rua Marechal Deodoro da Fonseca, Centro).

FONTE: Iratan Vieira Nunes.



Antigo Beco de Luiz Xavier (atualmente permanece o mesmo nome ou travessa Pres. Castelo Branco).

FONTE: Iratan Vieira Nunes.



Antigo Beco do Chafariz (Atualmente Vicente de Menezes).

FONTE: Iratan Vieira Nunes.